

Juntar ou separar as palavras? A segmentação não convencional na escrita de estudantes da Educação de Jovens e Adultos

Rebeca Cerqueira Andrade de Alcântara (Estácio FIB)

RESUMO: Nosso estudo tem como objeto a segmentação não convencional da palavra, na escrita de estudantes do 1º Segmento da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Buscamos analisá-la, bem como identificar as hipóteses que esses estudantes utilizam quando fazem uma hipossegmentação (juntar palavras em uma só) ou uma hipersegmentação (separar uma palavra em partes menores). Nossa tese defende que são dois critérios que favorecem a escrita das palavras não convencionais: critérios linguísticos (aspectos fonético, morfológico, sintático e semântico) e extralinguísticos (as idiossincrasias de cada sujeito escrevente). Utilizamos metodologia qualitativa, com uso do método indiciário (Ginzburg 1989), em busca de singularidades nas produções escritas analisadas, bem como buscamos observar as regularidades deste objeto. Concluimos que a segmentação não convencional é um fenômeno linguístico comum no início da aquisição da escrita de jovens e adultos da EJA, porém não ocorre aleatoriamente, tanto que pudemos observar a atuação de critérios linguísticos e extralinguísticos indicando os caminhos que levam o escrevente a segmentar suas palavras fora da convenção.

Palavras-chave: Hipossegmentação; hipersegmentação; educação de Jovens e Adultos; aquisição da língua escrita.

ABSTRACT: *This paper focuses on the unconventional segmentation of words in the writing of students from the first level of The Youth and Adult Education Program (EJA). We aim to analyze it as well as to identify hypotheses the students elaborate when they hyposegment (connect words into one) or hypersegment (separate words into smaller units). We defend that there are two criteria which favor unconventional spelling: linguistic criteria (phonetic, morphologic, syntactic and semantic aspects) and extralinguistic (the idiosyncrasies of each writer). He have used qualitative methodology, with the indiciary method (Ginzburg, 1989) to find singularities as well as regularities in the corpus. We have come to the conclusion that unconventional segmentation is a common linguistic phenomenon in the beginning of the acquisition of written language by youngsters and adults from EJA, but it does not occur randomly, as we were able to observe the presence of linguistic and extralinguistic criteria which indicate the paths which lead the writer to segment his or her words unconventionally.*

Keywords: *Hyposegmentation; hypersegmentation; youth and adult education; written language acquisition.*

Introdução

Neste trabalho, realizamos uma análise e descrição de dados representativos da escrita de jovens e adultos no processo de aquisição da língua escrita, tendo por objetivos verificar de que forma ocorrem as segmentações não convencionais - hipossegmentação e hipersegmentação -, e em que medida essas ocorrências indiciam a correlação entre aspectos linguísticos e extralinguísticos.

Observamos que há uma interferência tanto da escrita quanto da fala, quando nos deparamos com as segmentações não convencionais, mas isso não quer dizer que esses dados sejam uma projeção da fala. Nossa hipótese é a de que a segmentação não convencional se dá por questões linguísticas, como a influência dos critérios fonológico, semântico, sintático e morfológico, e por questões de natureza idiossincrática, como o conhecimento da escrita e de mundo que o aprendiz possui.

Temos como objeto de estudo a escrita de palavras segmentadas fora da convenção ortográfica vigente, ou seja, a **hipossegmentação** e a **hipersegmentação**. A hipossegmentação trata-se de uma segmentação não convencional, na qual palavras autônomas e independentes na escrita, são unidas como se fossem uma só, como por exemplo, a escrita, atualmente corriqueira, da locução conjuntiva “por isso” que encontramos na forma “porisso” em textos de muitas pessoas, inclusive com escolaridade superior. Já a hipersegmentação ocorre na escrita quando uma palavra morfológica é dividida em partes menores, como, por exemplo, “ca ju” ao invés de “caju”, encontrada em nosso *corpus* e objeto de nossa análise.

Nosso objetivo principal é, pois, verificar de que forma ocorrem as segmentações não convencionais - hipossegmentação e hipersegmentação -, a partir da análise de um teste de sondagem.

1. Metodologia

Utilizamos em nossa pesquisa a abordagem qualitativa, cujo aporte teórico baseia-se no paradigma indiciário (Ginzburg 1989). O método indiciário, como o nome diz, é baseado em indícios, vestígios que são deixados como pistas no objeto analisado. Ginzburg (1989) relacionou, para a construção deste paradigma, três autores: Morelli (que tratou de observar os indícios nas pinturas, evidenciando as obras verdadeiras e falsas, a partir da análise dos pormenores e detalhes), Conan Doyle, autor do detetive Sherlock Holmes (personagem que desvendou mistérios de crimes, partindo da observação dos vestígios deixados pelos criminosos) e Freud (com a psicanálise, mostrando o caráter individual e revelador do que está no inconsciente de cada indivíduo).

Selecionamos uma atividade diagnóstica, chamada de teste de sondagem, feita pela professora, em março de 2010, em uma turma do I Segmento¹ da Educação de Jovens e Adultos, na Escola Municipal Santa Terezinha, no bairro do Chame-Chame, em Salvador-

¹ Este segmento da educação corresponde ao 1º ano do Ensino Fundamental.

BA. Para a realização desta atividade, a professora escreveu no quadro o cabeçalho, constando o nome da escola, a data e o nome do aluno.

A professora entregou aos estudantes uma folha pautada, já com o título centralizado, escrito por ela, “SONDAGEM” com letras bastão. Além disso, ela numerou cinco linhas para que os estudantes escrevessem o que ela ditasse. Foi solicitada a escrita de 5 (cinco) palavras do campo lexical das frutas: “caju”, “nozes²”, “acerola”, “banana” e “uva”, e de uma frase: “O caju é doce”.

Participaram desta atividade de sondagem 17 estudantes: jovens, adultos e idosos. Da produção daí resultante, utilizamos 5(cinco) produções, por apresentarem casos de segmentação não convencional. Dessas cinco, uma foi feita por um jovem rapaz de 22 anos, 2, por mulheres jovens de até 35 anos, 1, por uma senhora de, aproximadamente, 50 anos e 1, por uma idosa.

Referencial teórico

As habilidades envolvidas no desenvolvimento da competência metalinguística relacionadas ao processo de aquisição da língua escrita são de três tipos, a saber: consciência fonológica, consciência lexical e consciência sintática. (BARRERA, 2003, pp. 69-86).

Barrera (2003, p. 69) define consciência fonológica como “habilidade em analisar a linguagem oral de acordo com as suas unidades sonoras constituintes”. Este termo, segundo a autora, tem sido empregado para se referir à habilidade da criança para realizar julgamentos de características sonoras das palavras ou para isolar e manipular fonemas e outras unidades suprasegmentais da fala, como sílabas e rimas. Essa habilidade tem grande importância no domínio da escrita alfabética, pois é uma aprendizagem que supõe a associação entre grafemas e fonemas. Alguns autores, segundo Barrera (2003), levantam a hipótese de que

[...] a instrução sistemática em leitura e escrita é fator necessário para o desenvolvimento da consciência fonêmica ou segmental, embora outras habilidades fonológicas supra-segmentais relativas à análise silábica, isolamento, detecção e produção de rimas, etc., possam se desenvolver de forma mais espontânea, a partir da própria experiência informal com a linguagem oral (BARRERA, 2003, p. 71).

² Apesar de a noz ser um fruto, a professora considerou-a como uma fruta.

Kirtley, Bryant, MacLean e Bradley (1989 apud BARRERA 2003, p. 71) afirmam que há evidências de que os falantes dividem natural e automaticamente as sílabas em duas subunidades: *onset* e rima, sendo o *onset* formado pela consoante ou pelo grupo consonantal inicial que precede a vogal, e a rima formada pela vogal e o resto da sílaba, por exemplo: em *cat*, o *onset* é *c* e a rima, *at*.

Quanto à consciência lexical, trata-se da habilidade para segmentar a linguagem oral em palavras, tanto aquelas que têm função semântica, ou seja, que possuem significado independente do contexto, quanto aquelas com função sintático-relacional, cujo significado é adquirido no contexto, como as conjunções, preposições, enfim, as palavras funcionais.

Em relação à consciência sintática, Barrera (2003, p. 81) a define como sendo “[...] a habilidade do indivíduo para refletir sobre, e manipular mentalmente, a estrutura gramatical das sentenças”. Ainda que a relação entre consciência sintática e aquisição da língua escrita esteja confirmada por diversas pesquisas, não se sabe exatamente como este fenômeno relacional se processa. Barrera (2003, p. 85) apresenta os resultados do trabalho de Tunmer (1987), e de outros pesquisadores, que propõem serem os conhecimentos sintáticos e semânticos do leitor alçados, quando os conhecimentos fonológicos e ortográficos não se mostram suficientes para operar com palavras, que resistem às sucessivas operações de codificação, o que indica haver uma relação complementar entre nossas habilidades fonológicas e sintáticas.

Quanto ao critério idiossincrático, entendemos ser este o fator que se mostra através do conhecimento de mundo que o aprendiz carrega consigo e que se expressa em sua escrita. Podemos ter como idiossincráticas as variantes regionais, estilísticas, geracionais, além de outras particularidades que são expressas de forma singular na escrita desses jovens aprendizes.

3. Resultados

O quadro abaixo resume os casos de hipossegmentação e hipersegmentação encontrados na atividade de sondagem. Nota-se que há uma frequência maior de hipersegmentação, fato, inclusive, atípico nas pesquisas sobre o fenômeno (cf. ABAURRE & SILVA, 1993; SILVA, 1994; FERREIRO & PONTECORVO, 1996; ZORZI, 2003; OLIVEIRA, 2005; CAPRISTANO, 2007, dentre outros). Essa alta frequência de hipersegmentação pode ser atestada pelo uso da atividade de ditar as palavras, provocando uma silabificação no momento da escrita, ou seja, atuação do critério fonológico. Há,

também, uma influência do gênero textual ou do tipo de atividade a qual se destine a escrita, favorecendo tanto a hiper quanto a hipossegmentação (cf. GURGEL & ALCÂNTARA, 2010).

TABELA: Ocorrências de segmentação não convencional em um teste de sondagem

SUJEITOS	HIPOSEGMENTAÇÃO	HIPERSEGMENTAÇÃO
Rapaz (22 anos)	santaterezinha gacuedci (“o caju é doce”)	es cola ace rola ba na na
Senhora (aprox. 50 anos)	èdo (“é doce”)	èdo cê (“é doce”)
Mulher jovem i	oca (“o caju”)	a cerola
Mulher jovem ii	-	ca ju

Vejamos o caso da escrita do jovem rapaz de 22 anos. Há ocorrências tanto de hiper quanto de hipossegmentação. O primeiro caso de hipersegmentação, nesta atividade, está no nome “escola” que aparece escrito “ES” “COLA” em letras bastão³. Neste caso, pensamos ser a consciência lexical juntamente com o semântico que tenham contribuído para a separação da palavra, posto que surge uma outra palavra conhecida na língua, “cola”, muito comum e usual, inclusive, no contexto escolar.

Ainda na mesma linha, ele hipossegmenta o nome da escola escrevendo “SANTATEREZINHA”. É provável que isso tenha se dado pela correspondência feita por este estudante entre “uma” escola, ou seja, “um” objeto no mundo real, e “um” nome ou um contínuo escrito para nomeá-la; não sendo necessário, pois, duas palavras separadas por espaço em branco.

Na terceira palavra em que o estudante escreve “ACE” e “LOA” para “acerola”, observamos que ele separou a palavra justamente na tônica, formando uma palavra oxítônica e outra paroxítônica. Também podemos pensar que ele silabou sua escrita se pautando na pronúncia enquanto escrevia, fazendo a divisão. Na nova palavra formada, “LOA”, observamos, ainda, a supressão do *onset* da primeira sílaba, “R” e a inversão do *onset* da segunda “L”.

Na palavra “banana”, escrita “BA NA NA”, observamos que todas as sílabas estão afastadas umas das outras, evidenciando a influência da fala na escrita, pois ao pronunciar

³ Observa-se o uso de letra bastão em todas as escritas dos estudantes desse grupo.

a palavra, o estudante silabou, enquanto escrevia, o que favoreceu a escrita hipersgmentada, sendo este mais um fator de influência do critério fonológico.

Já na frase, sugerida pela professora, há a junção do núcleo do sintagma nominal “caju”, escrito “GACU”, ao verbo cópula “é”, escrito “E”, e o núcleo do sintagma adjetival “doce”, escrito “DCI”. No caso da palavra “caju”, o aluno trocou o grafema “c” pelo “g” na primeira sílaba, ou seja, uma consoante oclusiva velar surda por uma sonora, e, na segunda sílaba, trocou uma fricativa pós-alveolar sonora por uma oclusiva velar surda. Esta ocorrência não significa que ele fale desta forma, necessariamente, mas, sim, que há um problema de discriminação auditiva, trocando surdas por sonoras ou vice-versa na escrita.

O verbo copulativo aparece, neste texto, sem acento, evidenciando uma possível correspondência com o fonema aberto da vogal “e”, comum na fala de pessoas do nordeste brasileiro, o que mostra que o estudante ainda não domina o uso de diacríticos, além de ser uma influência idiossincrática.

Em “DCI”, nota-se a ausência do núcleo da rima da sílaba inicial, “o”, e a presença do grafema “i”, representando apoio na oralidade, pois é comum, e já difundido no português brasileiro, que palavras terminadas em “e” ou “o”, pós-tônicas, se realizem na fala como [i] ou [u], respectivamente.

No teste de sondagem da senhora de, aproximadamente, 50 anos, encontramos uma segmentação não convencional mista, pois houve a hipossegmentação do verbo cópula “ser”, no presente do indicativo, juntamente com o núcleo do sintagma nominal “doce”, e hipersgmentação da palavra “doce”, tendo escrito da seguinte forma: “èdo cê”. Notamos, neste dado, que a estudante utiliza o diacrítico agudo como um grave, mostrando que ainda não reconhece a direção funcional dos diacríticos. Além disso, acentua a parte que separou da palavra “doce” com um circunflexo. É provável que ela tenha utilizado esta forma, fazendo uma analogia com a palavra reduzida de “você” como um “cê”, uma variante popular, a partir do critério lexical, ativando sua consciência morfológica.

No texto da mulher jovem I, encontramos a hipossegmentação do determinante “o” com a primeira sílaba da palavra “caju”, formando, inclusive, uma palavra já existente na língua, que é “oca”. Logo em seguida, ela escreve a palavra “caju”, mas não apaga a primeira tentativa de escrita, mantendo a hipossegmentação em seu texto. O conhecimento lexical da palavra “oca” pode ter influenciado para sua manutenção no texto, o que nos indica que a consciência lexical é um fator, muitas vezes, de grande influência no momento da escrita. Quando um aprendiz faz uma segmentação fora da norma (ou juntando ou separando uma palavra em partes menores e, com isto forma, uma nova palavra), a

consciência semântica e o conhecimento de mundo e de escrita também surgem neste momento, pois é possível que vários critérios atuem juntos, indiciando as escolhas feitas no momento da escrita.

Na palavra “acerola”, escrita tanto pela mulher jovem I quanto pela idosa como “a” e “cerola”, observa-se que a consciência lexical de palavras funcionais como artigos, preposições, conjunções, foi um fator que contribuiu para a hipersegmentação. Somos favoráveis à hipótese de que a silabação, ou seja, o ritmo empreendido no momento de escrever esta palavra colaborou para a segmentação indevida.

Nosso último exemplo de escrita de palavras não convencionais incidiu sobre a palavra do teste de sondagem “caju”, na qual a mulher jovem II escreveu “ca” e “Ju” hipersegmentada e com a segunda sílaba em letra maiúscula. A silabação dessa palavra, no momento da escrita, mostra a influência do ritmo da fala com pausas que se tornaram espaços em branco na escrita. Isso fica mais claro ainda quando percebemos que a estudante escreve “Ju” com letra maiúscula, indicando que é o início de uma outra palavra.

4. Considerações finais

Considerando que os critérios linguísticos e extralinguísticos são indicadores do trânsito do escrevente a caminho da convenção, a partir de suas tentativas de escrita, notamos a influência desses critérios nos casos de segmentação indevida, sempre com o intuito de se chegar à convenção.

Como a atividade que selecionamos para este artigo foi um teste de sondagem, ou seja, realizada nos primeiros dias de aula, vemos que não houve influência direta de textos copiados no quadro pela professora, nem que eles tenham tido como suporte um outro texto, naquele momento da atividade. Foram os conhecimentos que esses 17 estudantes, jovens, adultos e idosos, já possuíam de suas experiências com a escrita que o conduziram a essas produções textuais, tanto dentro quanto fora da convenção.

Notamos que a segmentação nem sempre desaparece com a exposição e o treino a textos convencionalizados, isto é, o desenvolvimento de habilidades metalinguísticas não pressupõe, necessariamente, a ausência ou o fim de segmentações não convencionais na escrita. Isso quer dizer que, não é apenas com atividades que o escrevente vai, de uma hora para outra, deixar de segmentar fora da convenção. Temos que levar sempre em conta que o indivíduo possui suas próprias hipóteses sobre a língua e isso vai influenciar na eleição de seus constituintes escritos para a construção de seus textos.

Enfatizamos que não foi a busca pelos erros que nos conduziu a esta pesquisa, mas, sim, a reflexão que fizemos a partir dessas ocorrências fora das normas ortográficas que fizeram esta pesquisa chegar à conclusão de que há uma influência linguística e extralinguística que favorece a escrita segmentada indevidamente. Desta forma, pensamos que são esses conflitos de escrita não convencionais que nos indicam as tentativas do escrevente, jovem e adulto da EJA, para escrever de acordo com as normas vigentes.

Referências Bibliográficas

ABAURRE, Maria Bernadete Marques; SILVA, Ademar da. O Desenvolvimento de Critérios de Segmentação na Escrita. In: **Temas em Psicologia**, 1, São Paulo, 1993.

BARRERA, Sylvia Domingos. Papel facilitador das habilidades metalingüísticas na aprendizagem da linguagem escrita. In: MALUF, Maria Regina (Org.). **Metalinguagem e aquisição da escrita**: contribuições para a prática da alfabetização. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003, pp. 65-90.

CAPRISTANO, Cristiane Carneiro. **Segmentação na escrita infantil**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FERREIRO, Emilia; PENTECORVO, Clotilde; MOREIRA, Nadja Ribeiro; HIDALGO, Isabel Garcia. **Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever**: estudos psicolinguísticos comparativos em três línguas. São Paulo: Ática, 1996.

GINZBURG, Carlo. Sinais: Raízes de um paradigma indiciário. In: GINSZBURG, Carlo. **Mitos, emblemas e sinais**: morfologia e história. Tradução de Federico Carotti. 2a. ed. e 2a. Reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, 143-179.

GURGEL, Paulo & ALCÂNTARA, Rebeca C. A. de. Recortar ou colar? Um estudo exploratório da segmentação não convencional de palavras em uma classe de alfabetização de jovens e adultos. In: TENÓRIO, Robinson & LORDÊLO, José Albertino C. **Educação básica**: contribuições da pós-graduação e da pesquisa. Salvador: EDUFBA, 2009, 395-414.

OLIVEIRA, Klebson. O lugar do branco na escrita de negros. Notas sobre segmentação gráfica em textos de africanos e afro-descendentes no Brasil do século XIX. In: **Revista Internacional de Lingüística Iberoamericana (RILI)**, ISSN 1579-9425, 2005, n. 6.

SILVA, Ademar da. **Alfabetização**: a escrita espontânea. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1994.

ZORZI, Jaime Luiz. **Aprendizagem e distúrbios da linguagem escrita**: questões clínicas e educacionais. Porto Alegre: Artmed, 2003, 95-6.

Rebeca Cerqueira Andrade de Alcântara é doutora em educação pela Universidade Federal da Bahia, mestre em Letras e Lingüística pela mesma universidade e graduada em Letras – Língua Inglesa pelo Centro Universitário Jorge Amado. Professora do Centro Universitário Estácio da Bahia – Estácio FIB. (rebecama@gmail.com)